

[Página Inicial](#)

[Agenda de Eventos](#)

[Especial - Acordo Ortográfico](#)

Artigos

[Artigos de IC](#)

[Blog](#)

Reflexões sobre o ensino de línguas

[Resenhas](#)

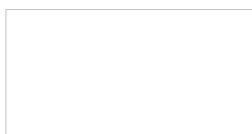
[Textos Literários](#)

Edições Anteriores

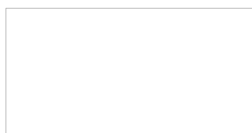
Junte-se a nossa lista de e-mails!

Email Address

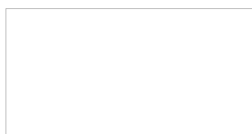
Veja também:



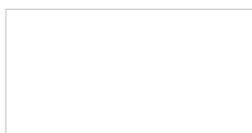
Instituto Matoso Câmara



Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec

O PROCESSO METAFÓRICO EM NOMES PRÓPRIOS E COMUNS: UM ESTUDO DAS METÁFORAS EMPREENDIDAS ENTRE *MARIA* E SUAS VARIANTES

Janaína Zaidan Bicalho Fonseca^[1]

Renata Cristina Guimarães Martins^[2]

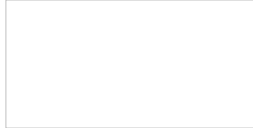
Esclarecendo o objeto

Conforme atestado pela Teoria da Referência, parece haver um consenso no que diz respeito à ausência de sentido nos nomes próprios. De acordo com os estudos de Mari (2003), a exemplo, o nome próprio serve para designar, enquanto o nome comum possui a função de descrever; podendo, portanto, dizer algo a mais acerca daquele determinado ente; o que não seria exequível pelos nomes próprios.

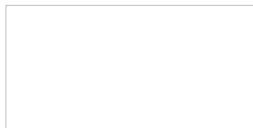
Dessa forma, o nome próprio Maria nada descreve sobre o modo de ser ou de agir da pessoa Maria, apenas designa um ser no mundo, não o diferenciando dos demais. Claro está que há uma forte representação quanto ao significado desse nome, o qual remete à concepção religiosa, já que Maria é conhecida como mãe do filho de Deus, recaindo sobre ela atributos como a santa, a virgem, a sofredora, entre outros. Logo, esse nome próprio, em específico, carrega em si marcas de descrição, que aludem a uma pessoa detentora dos atributos acima selecionados. Seria o que Searle (1981), ao defender Frege, afirma sobre o fato de aos nomes próprios ser atribuída uma descrição abreviada. Contudo, não se pode dizer que as várias Marias existentes no mundo teriam os mesmos adjetivos, muito embora em todas elas, parece-nos, ainda pese o emblema de mulher simples, humilde, do povo ou de alguém a quem se dá pouca importância ou destaque. Afinal, a história não termina na Maria mãe de Deus; continua na sua praticamente contraparte Maria Madalena, a quem foi lançado o estigma do meretrício. Sendo assim, há muita história por detrás do nome Maria.

Interessa-nos, neste estudo, trabalhar com casos especiais de Maria. É o que se vê em expressões como *maria chuteira*, *maria gasolina*, *maria maçoneta*, *maria carniça*, *maria escandalosa*, *maria arrependida*, *maria sapatão*, *maria aparecida*, entre tantas outras compostas pelo nome Maria e por um outro termo que indica, acionado certo conjunto de operações linguísticas e discursivas, uma característica negativa qualquer. Nota-se que Maria, aqui, nem de longe se assemelha à simbologia da virgem, mas, ao contrário, a expressões que foram sendo formuladas, através do tempo, pela maledicência popular e, acredita-se, germinadas por analogia.

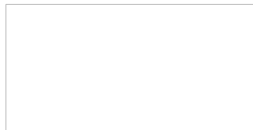
Nesse artigo, trazemos como hipótese o fato de parecer haver um processo metafórico presente na formação de alguns desses adjetivos compostos. Objetivamos, assim, demonstrar o caminho pelo qual esses adjetivos, oriundos do imaginário popular, percorrem para se estruturarem. Mais precisamente, quais mecanismos acionamos para conceber a metáfora imbuída nesses mesmos adjetivos. Sendo assim, lançaremos mão do aporte teórico da Semântica Cognitiva, uma vez que acreditamos que para entender uma metáfora é necessário fazer um estudo que extrapole o linguístico e se fundamente, também, no nosso conhecimento sociocultural. Afinal, as palavras e as expressões passam, comumente, por um processo de extensão do sentido, credenciando a instabilidade do uso dos signos linguísticos. Para entender tal extensão é necessário estar a par das inúmeras possibilidades associativas, as quais nos são precisadas justamente pelo nosso conhecimento de mundo. Acreditamos que



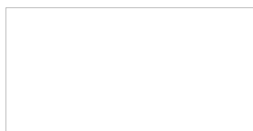
Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos



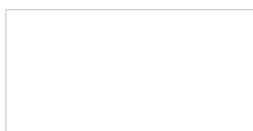
Domínio Público



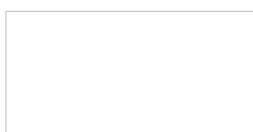
GEScom



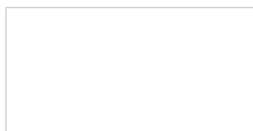
GETerm



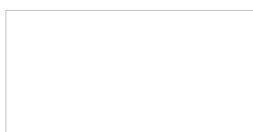
iLteC



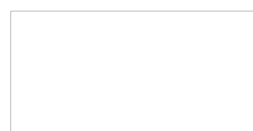
Institut Ferdinand de Saussure



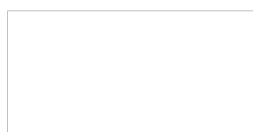
Letr[a]s.etc.br



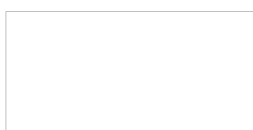
Portal da Língua Portuguesa



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!

as palavras ganham interpretação num sistema de referência (um universo discursivo), mas elas carregam consigo uma história de suas passagens por outros sistemas, que inclui extensões que se dão através de analogias, de metáforas, de equívocos (...) Nas línguas naturais, os universos discursivos são interligados pela própria linguagem que os conforma e utilizar uma dada linguagem para referir a um novo universo de discurso afeta a linguagem (OLIVEIRA, 2004, p. 236).

Vamos tentar compreender, então, esses *novos universos de discurso*, pautando-nos no entendimento das metáforas em discussão.

A metáfora ou os vários processos metafóricos

“A palavra metáfora, ou ‘metapherein’, cuja origem é grega, etimologicamente significa ‘meta’ – ‘mudança’ e ‘pherein’ – ‘carregar’” (SARDINHA, 2010, p. 164), portanto, transferência ou transporte de palavras/expressões que funcionam como recurso figurativo da/na linguagem.

Para Searle, citado por Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 329), a metáfora é apenas um caso de ato de linguagem indireto, no qual ao dizer “A é B” (Lúcia é uma maria chuteira), o locutor quer dizer “A é C” (Lúcia é uma mulher que só namora jogador de futebol, que tem interesse por homens com grande poder aquisitivo). Ainda, de acordo com Searle, a analogia Maria chuteira/ mulher interesseira/ uma característica negativa de Lúcia aparece somente no momento da interação entre os interlocutores, momento em que eles reconstroem mentalmente a interação comunicativa.

No caso das metáforas empreendidas entre as Marias e suas variantes, é necessário checar se há algum tipo de diferença no que tange às metáforas reveladas por essas expressões e a outros tipos de metáfora, sendo estes aqui entendidos como todas as metáforas não formadas por Maria + um termo qualquer. É o que se vê na seguinte comparação:

- I. Paula é uma flor.
- II. Paula é uma maria chuteira.

Nos exemplos, asseguradamente metafóricos, parece sim haver uma diferença entre as duas metáforas. Isso porque, em I, as características de uma flor, a saber: cheirosa, bonita, delicada são transferidas para Paula; enquanto em II, embora, de fato, as características de *maria chuteira* sejam projetadas para Paula, não há transferência de apenas um sentido. Em outras palavras, a maioria das metáforas convencionais é formada através da translação de um ente, cujas características [-] humanas são repassadas para outro ente de características [+] humanas. É o que evidenciamos em:

- III. Roberto é uma mala.
- IV. Bethânia é um rouxinol.
- V. Camila é uma gata.

Vale destacar que a recíproca também é verdadeira:

- VI. Esse computador é temperamental.
- VII. O meu carro é muito estressado.

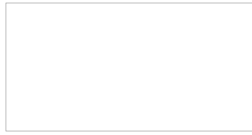
Não é o que parece acontecer com as nossas Marias. Ao validarmos expressões do gênero de *maria gasolina*, *maria maçoneta*, *maria chuteira* ou *maria carniça* estamos, a bem da verdade, acionando esquemas diferentes, ou, mais precisamente,



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

enquanto nas metáforas em geral acionamos um esquema, nessas outras acionamos dois.

Como processo cognitivo, a metáfora gera uma nova categoria de conhecimento que envolve dois novos campos de saber, assim, ao interpretá-la, somamos, aos conhecimentos já adquiridos, outras informações, às vezes, por analogia, realizando um deslocamento no pensamento.

Para sermos mais criteriosos quanto aos aspectos teóricos da semântica cognitiva, nossa mente funciona de forma mais ou menos organizada, isto é, de acordo com modelos cognitivos bem estruturados, apesar de flexíveis. Dentre esses modelos cognitivos, podemos citar o frame que se define como “conhecimento de senso comum sobre um conceito central, e seus componentes podem ser trazidos à memória sem uma ordem ou sequência” (BENTES, 2004, p. 265). A eles está associada a noção de inferência.

Dessa forma, ao mencionarmos *Paula é uma flor*, acionamos, de imediato, frames relacionados à palavra flor, ou seja, bonita, cheirosa, delicada. Já quando dissemos que *Paula é uma maria chuteira*, o termo chuteira remete, entre outros, ao frame jogador de futebol, trazendo à tona tanto a profissão do indivíduo, como a pessoa de destaque social e de grande poder aquisitivo.

É necessário também emoldurar o nome Maria, o qual pode ter como frame o fato de ela pertencer ao gênero feminino, mas também ao universo da mulher comum, sem muito destaque social e, até mesmo, de vida fácil. Unindo os dois, será possível chegar até o significado da expressão: mulher comum ou fácil que escolhe como parceiros jogadores de futebol, a fim de se projetar socialmente.

Analisemos um exemplo, retirado de um blog, a fim de atestarmos a produtividade linguística decorrente desse mesmo uso metafórico:

Uma jovem italiana de Merano, na província de Bolzano, pediu que seis jogadores do time de futebol local sejam submetidos a um teste de paternidade para saber qual deles é o pai de seu filho recém-nascido, informou um jornal local. A mulher, cuja identidade e idade não foram divulgadas, trabalha como garçonete num dos bares da cidade. Ah, garçonete? Então ela serviu a todo mundo. Será que ela foi trazida em uma bandeja para que os caras se servissem? Esta não é uma Maria-chuteira. Ela é Maria-Chuteira, Maria-Bola, Maria-Meião, Maria-Joelheira, Maria-Camisa e Maria-Luva (<http://171blog.blogspot.com>).

Percebemos que, por associação à metáfora antes empreendida através da expressão *maria chuteira*, os falantes da língua tornaram tal uso recorrente, valendo-se de todo campo semântico do futebol, comprovando que toda Maria + x, conforme exemplos, se trata de uma mulher que, realmente, se relaciona com jogadores de futebol para obter vantagens.

Com *maria maçaneta*, *maria carniça* ou *maria gasolina* nosso raciocínio se comporta da mesma maneira. Não analisamos a palavra maçaneta por si só, tampouco o termo carniça ou gasolina. Ao contrário, partimos do nosso conhecimento de mundo para, a partir de um processo inferencial, determinar um enquadre, o qual é construído em função da palavra Maria. Dizendo de outra maneira, sabemos que carniça refere-se à carne podre, assim como maçaneta refere-se à porta e gasolina a carro ou a outro meio de transporte. Como a esses termos une-se a palavra Maria, sabemos que se trata, respectivamente, de uma mulher que não cheira muito bem, de uma mulher de livre acesso e de uma mulher que gosta muito de carros ou deseja possuir um.

É importante que fique claro que, embora tenhamos que acionar esquemas diferentes, um relacionado ao universo da Maria e outro relacionado ao universo do termo que a acompanha, trata-se de, qualquer maneira, de uma transferência de sentido de um termo para outro. Dizendo de outra maneira e mais uma vez sendo fiéis aos preceitos da semântica cognitiva, ao dizer que Carmen é uma gata, há dois domínios diferentes: o domínio alvo, no caso, Carmen pelo fato de ela ser metaforizada; e o domínio fonte, no caso, gata, por permitir que a metáfora aconteça. Da mesma maneira, em Carmem é uma *maria chuteira*, há o domínio alvo, no caso, Carmen, pois ela é o termo metaforizado; e *maria chuteira*, domínio fonte, já que é a expressão que permite metaforizar o outro termo.

Queremos dizer, assim, que, para compreender a sentença *Lúcia é uma maria chuteira*, valemo-nos da teoria dos domínios. No entanto, para compreender a formação do sintagma *maria chuteira*, é necessário recorrer a esquemas diferentes presentes dentro do mesmo sintagma.

Maria pode até ser escandalosa, mas chuteira ela não é!

Retomando os exemplos apresentados no início deste texto, ainda nos falta questionar a respeito das expressões *maria escandalosa*, *maria arrependida*, *maria sapatão* e *maria aparecida*, que por ora denominaremos de *Grupo das Marias adjetivadas* para diferenciá-las das *maria chuteira*, *maria gasolina*, *maria maçaneta* e *maria carniça*, as quais denominaremos de *Grupo das Marias substantivadas*.

Isso porque há diferenças notáveis entre os dois grupos, cujas expressões não se comportam da mesma maneira. Um dos fatores diferenciadores reside na observação de que o grupo das substantivadas é formado por substantivo + substantivo (*Maria + x*, *x',...*), enquanto o grupo das adjetivadas é composto por substantivo + adjetivo (*Maria + z*, *z',...*). Observem que, embora ambos os grupos, ao final de um processo, tornem-se adjetivos compostos, são inviáveis as construções

VIII. Maria [é] gasolina;

IX. Maria [é] chuteira;

X. Maria [é] maçaneta;

XI. Maria [é] carniça.

Mas são possíveis as construções

XII. Maria [é] escandalosa;

XIII. Maria [é/está] arrependida;

XIV. Maria [é] sapatão;

XV. Maria [é] aparecida.

Atesta-se, através das observações anteriores, que o grupo das *Marias substantivadas* é realmente construído a partir de um processo metafórico, enquanto o grupo das *Marias adjetivadas* não. Para construir a metáfora, parece necessário perceber que há algum tipo de inadequação, o que requer maior elaboração no processo interpretativo. Esclarecendo nossas questões, concebe-se que uma pessoa seja escandalosa ou arrependida ou aparecida ou sapatão, mas, ao contrário, não se admite que uma pessoa seja gasolina ou chuteira ou maçaneta ou carniça. Eis por que o grupo das *Marias adjetivadas* não deve ser considerado metafórico. O que nos parece ter ocorrido foram formações por analogia ao longo do tempo. Isso nos permite continuar a fazer tais formações de maneira infinita: *maria preguiça*, *maria trombone*, *maria sofredora*, *maria ninguém*, entre tantas outras.

Nota-se que, na construção *maria sapatão*, há uma exceção no que diz respeito ao processo metafórico. Ainda que se trate da organização *Maria + adjetivo*, estamos diante de um caso metafórico, uma vez que existe um esforço interpretativo maior. Uma das explicações para isso reside no fato de "sapatão" ser formado a partir de *sapato* – substantivo, o que retoma o grupo das *Marias substantivadas*, essencialmente metafóricas. *Maria sapatão*, portanto, significa uma mulher com características mais masculinas, já que "sapato", nessa acepção, alude ao universo do homem. Em outras palavras, trata-se de uma mulher homossexual.

Concluindo

No que diz respeito ao processo metafórico, observamos que o mesmo não ocorre em todas as expressões investigadas por esse trabalho, uma vez que há diferenças de ordem sintática que afetam a dimensão do sentido, isto é, dentro do sintagma adjetivador, *maria + x* ou *maria + z*, pode existir a parceria entre substantivo+substantivo, que aciona uma metáfora, ou entre substantivo + adjetivo, que não aciona uma metáfora. Acreditamos que a diferenciação esteja associada ao fato de um adjetivo atribuir uma característica direta ao ente a que faz referência, enquanto o mesmo não se dá com o substantivo, que, por sua natureza nominativa, e não qualificativa, carece de uma resignificação para imputar características.

Além disso, percebemos que, no universo construído por *Maria + x*, temos que acionar esquemas diferentes para compreender a metáfora; esquemas esses formados por nossos conhecimentos culturais, presentes nos frames, por exemplo. Os esquemas encontram-se no interior do sintagma *Maria+x*, porém, ao dizer Lúcia é uma *maria chuteira*, entram em ação domínios diferentes: um que permite a metáfora e outro que é metaforizado.

Observamos também que tais expressões, ao caracterizar, desqualificam. Nesse sentido, cremos que o universo discursivo explique o seu uso. De acordo com Sardinha (2010, p. 165), “a teoria da metáfora discursiva [...] tem como finalidade entender como e por que as pessoas empregam metáforas e que efeito as metáforas têm na interação.” Embora o nosso enfoque seja o processo de construção de expressões *maria + x*, as quais acionam metáforas ou não, acreditamos que as mesmas são utilizadas quando se pretende fazer um comentário pejorativo. Além disso, nota-se que o alvo dessas expressões são sempre mulheres, o que nos diz algo sobre a visão que é atribuída a algumas delas em nossa sociedade.

De qualquer forma, nosso objetivo foi o de demonstrar uma explicação possível para a formação das expressões empreendidas por Maria e suas variantes, esclarecendo quando estas se tratavam de metáforas ou não. Demais estudos ficam por conta de um outro trabalho.

Referências bibliográficas

BENTES, Anna Christina. *Linguística textual*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística I: domínios e fronteiras*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. da tradução: Fabiana Komesu. 2 ed., 2 reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

MARI, Hugo. *Aspectos da Teoria da Referência*. *Revista de Psicologia Plural*: 18, 2003, p. 93-118.

SARDINHA, Tony Berber. *As metáforas do presidente Lula na perspectiva da Linguística de Corpus: o caso do desenvolvimento*. In: D.E.L.T.A., 26:1, 2010, pp. 163-190.

SEARLE, J. *Actos lingüísticos*: Almedina, 1981.

^[1] Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa pela PUCMG.
izletras@gmail.com

^[2] Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa pela PUCMG.
renatagmartins@yahoo.com.br

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.